

AÇÃO CATÓLICA, MILITÂNCIA LEIGA NO BRASIL: MÉRITOS E LIMITES

Prof. Dr. Pe. Ney de Souza¹

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar alguns aspectos dos primórdios e desenvolvimento da Ação Católica no Brasil. O texto apresenta o desenvolvimento das atividades e práticas do laicato pela iniciativa de Pio IX ao criar a Ação Católica.

Palavras-Chave: Ação Católica, Catolicismo, Brasil

ABSTRACT

The objective of this text is to present some aspects of the origins and of the development of the Catholic Action in Brazil. It is presented in the text uncoiling of the activities of the practices of the lay through the initiative of the it eats Pio XI when creating the Catholic Action.

Key words: Catholic Action, Catholicism, Brazil

INTRODUÇÃO

A colaboração dos fiéis leigos no apostolado hierárquico designado como Ação Católica tomou uma tal dimensão a partir do pontificado do Papa Pio XI que se tornou à designação própria de um grande movimento ramificado em diversos setores e atividades sob a efígie de uma só bandeira: AÇÃO CATÓLICA.

¹ Participaram desta pesquisa, resultado das aulas de História da Evangelização na América Latina, os seguintes pós-graduandos: Clotilde Prates de Azevedo, Jesus Azarte Macias, Paulo Roberto Teixeira, José Henrique do Carmo, Rodrigo Drubi, Luis Maria Maestro, João Francisco Teixeira.

O objetivo desta exposição consiste em buscar os elementos históricos (inclusive os antecedentes) da Ação Católica na Igreja como um todo e mais particularmente no que diz respeito à sua manifestação no Brasil.

O interesse do tema se liga a um grande número de movimentos e de ações pastorais que se afirmam herdeiras daquilo que originariamente foi a Ação Católica no Brasil. Demonstrar os fundamentos históricos do movimento bem como a sua base ideológica, seus métodos e os resultados obtidos poderão ajudar a elucidar melhor seus resultados, méritos, questionamentos e atual situação.

Na primeira parte desta exposição será feita uma apresentação geral da Ação Católica começando pelos seus antecedentes. Em seguida uma exposição sobre o Pontificado de Pio XI, também sob o ponto de vista do contexto social e sua capital importância para o nascimento efetivo e avançamento da Ação Católica. Na segunda parte seguirá uma exposição sobre o nascimento da Ação Católica no Brasil, seus líderes, seu alcance e sua divisão em dois períodos históricos bem distintos (1930 a 1950 e de 1950 a 1960). Finalmente na terceira parte será feita uma exposição mais específica do segundo período da Ação Católica e a metodologia empregada pela mesma.

A exposição quer também suscitar o debate acerca do tema – Ação Católica no Brasil – aproveitando seu próprio método operativo: ver, julgar e agir.

1. PRIMÓRDIOS DA AÇÃO CATÓLICA

A “Ação Católica” percorreu longo processo para chegar a se consolidar como movimento da Igreja Católica, sua expressão universal foi assumida dentro do pontificado de Pio XI, conhecido como o Papa da Ação Católica, todo um contexto de mudanças sociais e políticas envolveram o pontificado de Pio XI e permitiu o reconhecimento da “Ação Católica” como uma das alternativas da Igreja para responder aos desafios demandados na época.

Brevemente, antes de ver a origem e nascimento da Ação Católica, duas perguntas nos ajudarão a situar o contexto em que foi assumida a Ação Católica como Movimento da Igreja. Primeiro, quem é Pio XI. Segundo, alguns elementos marcantes do contexto social e do seu pontificado.

1.1 A importância de PIO XI

Pio XI, de nome Ambrogio Damiano Achille Ratti, nasceu na cidade de Desio, Itália, em 31 de maio de 1857, é o penúltimo de cinco filhos de Francesco Ratti e Teresa Galli. Aos dez anos ingressou no seminário menor de São Pedro Mártir em Seveso, continuou no seminário de Monza e concluiu no Colégio de São Carlos de Milão. Foi ordenado aos 22 anos, se doutorou em teologia, direito canônico e filosofia.

Desde 1882 exerceu a docência, ocupou a cátedra de teologia, hebraico e de oratória sacra. Em 1907 tornou-se prefeito da Biblioteca Ambrosiana de Milão e em 1914, prefeito da Biblioteca do Vaticano. Em 1917, Bento XV enviou ao Pe. Ratti a servir como visitante a Poe em 1918, como nuncio apostólico na Polônia; foi uma época de conflito onde ele presenciou a invasão e derrota do exército vermelho soviético em Varsóvia. Em 1921 foi nomeado cardeal e arcebispo de Milão. Passados alguns meses, Bento XV morre e no conclave de 6 de Fevereiro de 1922 foi eleito o Cardeal Ratti, escolhendo o nome de Pio XI, governou até sua morte, ocorrida no dia 10 de Fevereiro de 1939.

1.2 O pontificado de Pio XI: o papa da Ação Católica e das missões

Pio XI é conhecido como o “papa da ação católica” e o “papa das missões”. Estes serão os dois eixos que acompanharão o pontificado de Pio XI. Neste² enfrentou o final do século XIX e início do século XX, com o terrível pós-guerra que abalou o mundo ocidental. Foi um período de profundas transformações econômicas, políticas e sociais: por um lado temos o crescimento dos estados liberais que veio associado ao desenvolvimento do capitalismo, com o avanço das indústrias e a urbanização das cidades; por outro lado temos a marginalização da classe operária e o crescimento da pobreza, especialmente nos grandes centros que possibilitou o avanço das idéias socialistas e comunistas. Todas essas mudanças terão suas repercussões na Igreja Católica que, desde o século XVIII, em consequência da difusão das idéias liberais e iluministas, vinha perdendo a sua hegemonia na sociedade. A Igreja, porém, vê-se preocupada, nos séculos posteriores, a reordenar a sua prática pastoral através de uma ação social que a aproxime

² Cf. <http://www.multimedios.org/pontifices/pioxi.htm> acessado 18/05/2005 às 22:43.

das classes mais oprimidas da sociedade da época. A idéia que vigorava é que era preciso trazer as pessoas afastadas da religião para Cristo. É, sobretudo com o objetivo de converter, que a Igreja busca refazer o seu discurso e a sua ação, de modo a assegurar a confiança dos descrentes. Em sua primeira encíclica, “Ubi arcano Dei”, de 1922, põe as bases ideológicas da Ação Católica e inaugurou mais uma etapa da Ação Católica³, transformado-a, agora, em “divisões de um exército” para impedir um recuo maior da Igreja e preparar a reconquista do terreno perdido. No pontificado de Pio XI encontramos uma renovação da Ação Católica pelo menos em três aspectos: Primeiro, ela é um apelo constante ao caráter apostólico ou ativista dos cristãos; Segundo, ela atinge todas as camadas sociais e Terceiro, ela tem um caráter confessadamente leigo ou de comprometimento com a profanidade.

A raiz do mal no mundo está no fato de que Deus e Jesus Cristo estão sendo afastados dos homens e o mundo estava cheio de forças novas e de valores desconhecidos da teologia clássica e, muitas vezes, inadequados ao decoro tradicional do catolicismo. A Humanidade poderá encontrar a verdadeira paz na restauração da Realeza de Cristo Universal, é a isso que se tem que dedicar os militantes da Ação Católica. Por isso urgia que os leigos empreendessem a retomada de contato com o mundo, expusessem e defendessem a fé numa linguagem inteligível por eles e realizassem a regeneração da sociedade no sentido cristão.

No mesmo ano de 1922, fazendo uso de mais uma arma do seu pontificado, “as missões”⁴, na comemoração do primeiro centenário da fundação da obra missionária da propagação da fé, Pio XI, constituiu as Pontifícias Obras Missionárias, recomendando-as como instrumentos principais e oficiais da cooperação missionária de toda a Igreja.

Em 1925 abriu no Vaticano uma esplêndida exposição missionária mundial e instituiu a festa de Cristo Rei do Universo, celebrada no último domingo de Outubro. Em 1926 publicou a encíclica sobre as Missões e a constituição das Igrejas indígenas, chamada: “Rerum Ecclesiae”, na qual reafirma a importância e os objetivos missionários programados no início de seu pontificado e também para a Ciência Missiológica, que está em

³ Cf. http://it.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_XI acessado 15/05/2005 às 15:10.

⁴ Cf. http://mv.vatican.va/4_ES/pages/x-Schede/METs/METs_Main_02.html acessado 15/05/2005 às 16:00.

seus começos, a encíclica será sua inspiração para tentar harmonizar os aspectos mais relevantes até então sobre a missão “Ad Gentes”: Propagar a fé (chamar a conversão) e implantar a Igreja. Nesse mesmo ano ordena os primeiros bispos chineses, no dia 24 de abril aprova a instituição de um dia, em todo o mundo, de oração e ofertas em favor da evangelização dos povos, chamada: Dia Mundial das Missões, a ser celebrada no penúltimo domingo do mês de Outubro.

No dia 11 de fevereiro de 1929, o cardeal Pietro Gasparri⁵, (futuro sucessor de Pio XI), em nome da Santa Sé e Benito Mussolini, em nome da Itália, firma as três convecções no palácio de Latrão, um tratado político e diplomático pelo qual Itália reconhece a existência de um estado pontifício, o governo italiano permite a construção de uma estação de trem, a criação dos correios, telefone, telégrafo e a estação de uma rádio, enfim, a concordata legalizava as relações entre a Santa Sé e o Estado Italiano, garantia a liberdade de culto e a jurisdição eclesiástica, assegurado à independência da Igreja e o apoio do governo no que compete ao cumprimento de sua missão. Pio XI, por outra parte, frente às tendências totalitárias cada vez mais dominantes na Itália, se preocupava por salvarguardar, ao menos juridicamente, a liberdade de consciência cristã frente ao novo absolutismo das ditaduras européias e a expansão do fascismo⁶. Nesta, publicou sua encíclica “Non abbiamo bisogno” sobre as relações com os outros países, onde critica a concepção fascista, e a identificava com o nazismo, bolchevismo, jacobinismo e outras ideologias estatolátricas. A concordata com o Estado Italiano é mais uma concordata entre diversas realizadas com outros estados, procurando garantir o testemunho cristão para a consagratio mundi que o Papa perseguia, totalizando vinte e três durante o seu pontificado.

No dia 12 de fevereiro 1931, Pio XI inaugurava a Rádio Vaticana. Em sua primeira mensagem radiofônica, enfatizou o alcance universal da Rádio, cuja finalidade é anunciar com liberdade, fidelidade e eficácia a mensagem cristã, unir o centro da catolicidade e o Papa com os diversos países do mundo, difundindo a palavra da evangelização e superando as barreiras dos povos.

⁵ Cf. op. Cit. http://it.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_XI acessado 18/05/2005 às 22:56.

⁶ Cf. <http://www.artehistoria.com/frames.htm?http://www.artehistoria.com/batallas/personajes/7286.htm> acessado 20/05/2005 às 10:35.

As Encíclicas de Pio XI foram de muita importância, já que focaram com clareza a problemática da expansão da Igreja no mundo e souberam definir com sabedoria as causas da crise que sacudia o mundo e que provocaram a catástrofe de 1939. Além das Encíclicas já referidas temos: em 1928 a encíclica “Mortalium ânimos”, é um chamado às Igrejas separadas em vista de uma possível união; em 1937, com a encíclica “Mit brennender Sorge” (É uma viva inquietude) destaca o caráter pagão do nazismo e condena o racismo. Nesse mesmo ano condena o marxismo e o comunismo ateu na encíclica “Divni Redemptoris” e ataca duramente a doutrina dos “sem Deus”. Com a encíclica “Quadragesimo anno”, 1931, o Papa se dirige aos operários, recordando a obra da Igreja em favor dos trabalhadores e condenando outra vez o comunismo, apelando por uma “restauração da ordem social em plena conformidade com os preceitos do evangelho”.

2. O NASCIMENTO DA AÇÃO CATÓLICA

Com a Revolução Francesa em 1789, brotou o ideário de uma sociedade baseada no pensamento iluminista (*liberdade, igualdade e fraternidade*), mas, que se afirmou como uma sociedade marcadamente burguesa, capitalista, anticlerical e monarquista. A mescla de todos esses elementos espalhou-se por toda a Europa, modificando em muito os tempos vindouros⁷.

Na primeira metade do século XIX, esse foi um dos contextos com o qual a Itália assistiu todo um movimento de unificação interna.

Após o Congresso de Viena em 1815, cujo principal objetivo foi à reorganização territorial da Europa após a queda do império Napoleônico, a atual Itália foi dividida em Estados: cinco sob o domínio da Áustria; o reino das duas Sicílias pelos Bourbons; e os chamados Estados da Igreja pelo Papa. Os passos da unificação italiana foram longos e conflituosos. Em 1859 a Lombardia foi anexada com ajuda da França; em 1860 foram os dos ducados de Parma, Modena e Toscana; em 1861 foi a vez do reino das duas Sicílias por meio de Garibaldi e seus partidários; em 1866 Veneza foi anexada com ajuda da Prússia e, por último foram os Estados da Igreja⁸.

⁷ Cf. <http://www.suapesquisa.com/francesa/> acessado 25/05/2005 às 19:47.

⁸ Cf. [www.http://paginas.terra.com.br/arte/verahomepage/histaliana.htm](http://paginas.terra.com.br/arte/verahomepage/histaliana.htm) acessado 25/05/2005 às 20:30.

Em 1870 Roma é invadida e o Papa ficou limitado à cidade do Vaticano, tal fato deu origem a famosa “*questione romana*” que só terminou com a assinatura do Tratado de Latrão entre Pio XI (Achille Ratti) e Benito Mussolini em 11/02/1929. Com este tratado, o Estado italiano reconheceu oficialmente o Estado Vaticano (compreendendo também as basílicas que ficavam fora de sua extensão geográfica e o palácio de Castel Gandolfo) e o Sumo Pontífice como seu soberano. Do início da questão até o seu final, muitos papas se “retiraram” no território do Vaticano fechando um diálogo com o Estado Italiano⁹. O período de duração da “*questione romana*” foi assinalado pelo Estado por uma indiferença às “coisas religiosas” e apoio à imprensa laica e detrimento ao catolicismo.

Durante o pontificado de Pio IX (Giovanni Mastai Ferreti) de 1846 a 1878, considerado o último Papa rei, foi lançada a Encíclica “Quanta Cura” (1864) contendo as famosas condenações (Sílabos) contra o panteísmo, naturalismo, racionalismo, indiferentismo, liberalismo, socialismo e o jurisdicionalismo entre outros erros dos quais deveriam ser preservadas a juventude e a família¹⁰.

A *Ação Católica*, nome com o qual é reconhecida hoje, nasceu oficialmente no pontificado de Pio XI, a 23/12/1922, mas sua história remonta a 1867 e traz como pano de fundo o contexto histórico apresentado resumidamente.

A própria *Ação Católica Italiana*, reconhece como data símbolo de sua fundação 29 de julho de 1867 com dois jovens, Giovanni Acquaderni e Mario Fani.

Em junho de 1867 foi realizado um “pequeno congresso” em Roma com os vários membros dos “círculos da juventude católica” espalhados pela Itália; nesse evento esses dois jovens se conheceram e tiveram a idéia de fundar uma organização para a juventude católica baseada nos pilares da *oração, ação e sacrifício*. Em 13/12/1867 oficializam o estatuto e regulamento da “Sociedade da Juventude Católica”, que posteriormente recebeu, da parte de Pio IX, o reconhecimento oficial em 02/05/1868¹¹.

A “Sociedade da Juventude Católica” tinha como finalidade: a formação religiosa de seus membros; a profissão pública da fé católica; o empenho

⁹ Cf. <http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.php?doc=santa&id=264> acessado 25/05/2005 às 20:00.

¹⁰ BIHLMAYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*. Volume 3, São Paulo: Paulinas, 1965. p.519.

¹¹ FAVALE, A. (org.) *Movimenti ecclesiali contemporanei*. Roma: Las, 2ª edizione riveduta e ampliata, 1982. p. 25-26.

missionário, particularmente pelo testemunho de vida, a fim de reavivar na juventude e no povo o sentimento religioso. Como meios eram previstos: oração; freqüência aos sacramentos; lealdade, amizade e caridade entre os membros; testemunho cristão de vida; cooperação para garantir o decoro das festas religiosas, a educação moral e religiosa do povo, o óbolo de S. Pedro e a imprensa católica¹².

Segundo escritos de Giovanni Acquaderni o objetivo da “Sociedade” não era formar uma juventude neutra e fechada em uma espiritualidade intimista, mas que fosse uma presença ativa e participativa na sociedade e sem medo de professar publicamente a sua fé¹³.

De 1868 a 1874 temos o considerado 1º período da Ação Católica; período de onde emergiu sua caracterização religiosa que, na opinião de Agostinho Favale “foram anos de uma estação excepcional para o laicato católico italiano, que amadureceu alimentando-se às ricas fontes de um variado e florescente associacionismo religioso, enquanto a política do tempo e o clima de oposição à Igreja católica iam além da questão romana e o fim do poder temporal para afirmar-se como anticlericalismo que desejava ser radicalmente positivista, materialista, ateísta e ‘anti-religioso’”¹⁴. Outros autores afirmam que “da situação psicológica e moral surgiu, o intransigentismo, que embora se ligando, em parte, aos motivos anti-revolucionários gerais da primeira metade do século XIX, caracterizou-se como um movimento católico próprio da Itália daquele tempo. Católicos de boa vontade, fiéis ao papa também no plano político, associaram-se na defesa da religião e da Igreja na sociedade moderna em face do estado liberal”¹⁵. Não só a juventude, mas também uma grande parte do povo se encontrava confusa e perdida em meio a essa virada de contexto onde os referenciais religiosos também foram colocados em questão.

De 12 a 16 de setembro de 1874 aconteceu o “1º Congresso Católico Italiano”, em Veneza, e desse congresso foram lançadas as primeiras idéias para a organização de uma nova associação: a “Obra dos Congressos”. Tal Obra acabou sendo fundada em 1875 durante o 2º “Congresso Católico

¹² ibidem, p. 26.

¹³ FAVALE, A. (org.) *Movimenti ecclesiali contemporanei*. Roma: Las, 2ª edizione riveduta e ampliata, 1982. p. 30.

¹⁴ ibidem p. 27. (tradução nossa)

¹⁵ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*. Volume 3, São Paulo: Paulinas, 1965. p. 518.

Italiano” em Firenze. Essa nova fundação não nasceu com o objetivo de suprimir a “Sociedade da Juventude Católica”, mas num caminho de parceria. Em 1904 a Obra é extinta por Pio X (1903-1914), à qual sucederam outras organizações. Em seus 30 anos de existência, a “Obra dos Congressos”, “tocou em problemas seja ao interno da Igreja, como também em seu relacionamento com o mundo no campo cultural-religioso, político e social”¹⁶ e teve uma forte atuação política.

Em 1903 Pio X por meio de um Motu Próprio, pediu que fosse realizado um “novo ordenamento da ação católica” para que houvesse um aprofundamento da vida cristã e uma restauração da sociedade em Cristo. Pio X era convicto da necessidade da ação do leigo no mundo, mas via essa mesma ação como um prolongamento da ação do clero.

Em 1906 Pio X lançou a Encíclica “Vehementer” onde a Igreja era apresentada como uma sociedade desigual por natureza: de um lado os pastores e do outro as ovelhas¹⁷; foi considerado como “o maior papa reformador dos tempos do concílio tridentino”¹⁸ e aquele que lutou ferrenhamente contra o modernismo, visto como a síntese de todos os desvios modernos.

Para organizar o novo ordenamento da ação católica, foram encarregados: Paolo Pericoli, Giuseppe Toniollo e Medolago Albani. Foi dessa nova organização que nasceu a idéia de um “projeto de união” entre as várias associações católicas, mas, que fossem preservadas: a liberdade necessária para a escolha de seu presidente e a finalidade da associação. Em 1906 houve a aprovação desse novo ordenamento e dali nasceram: a União Popular Católica Italiana; a União Católica Italiana das Associações Eleitorais; a União Católica Italiana das Instituições Econômicas e Sociais; em 1909 a União das Mulheres Católicas¹⁹.

No período da 1ª grande guerra mundial, no pontificado de Bento XV (1914-1922), as várias “Unões Católicas” e a “Sociedade da Juventude Católica” continuaram existindo, porém, com um novo elemento: eram coor-

¹⁶ FAVALE, A. (org.) *Movimenti ecclesiali contemporanei*. Roma: Las, 2ª edizione riveduta e ampliata, 1982. p. 29.

¹⁷ FAVALE, A. (org.) *Movimenti ecclesiali contemporanei*. Roma: Las, 2ª edizione riveduta e ampliata, 1982. p. 32-33.

¹⁸ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*. Volume 3, São Paulo: Paulinas, 1965. p. 528.

¹⁹ FAVALE, A. (org.) *Movimenti ecclesiali contemporanei*. Roma: Las, 2ª edizione riveduta e ampliata, 1982. p. 33-34.

denadas por uma “Junta Diretiva” que tinha como objetivo “imprimir à ação católica uma orientação pragmática e de volta a unidade de pensamento e a concórdia de propósitos entre católicos e suas organizações”²⁰. Da “Junta Diretiva” nasceram as Juntas Diocesanas e Paroquiais. O ano de 1919 viu nascer seja a “Juventude Feminina Católica” que mais tarde seria fundida à “União das Mulheres”, dando origem à “União Feminina Católica Italiana”; como também o “Partido Popular” com o objetivo de distinguir a ação católica e a ação dos católicos²¹.

No pontificado de Pio XI o “Partido Popular” será abandonado pela Igreja a sua própria sorte e posteriormente desaparecerá, mas de seus quadros surgiram os membros que deram origem ao partido da “Democracia Cristã Italiana”.

Foi, porém sob o pontificado de Pio XI (1922-1939), que ocorreu uma nova, ampla e complexa reorganização da mesma com o objetivo de “uma ‘união de forças católicas organizadas para a afirmação, difusão, atuação e defesa dos princípios católicos na vida individual, familiar e social’, mas sempre distinta da política partidária, pois a ‘atividade dos católicos organizados não é uma ação política, mas religiosa’”.

3. A AÇÃO CATÓLICA NO BRASIL

A Ação Católica no Brasil nasceu com o mesmo espírito que Pio XI desejava, ou seja: uma associação de católicos que, a partir do seu próprio ambiente, participam ativamente na missão apostólica da Igreja.

O papel inicial da Ação Católica Brasileira foi à defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política. Tendo o intelectual Alceu Amoroso Lima como principal colaborador leigo do Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme (1882 -1942) efetivamente surge em 1933 a Liga Eleitoral Católica e em 1935 a Ação Católica Brasileira tendo com Alceu como primeiro presidente.

Um dos fundamentos, logo colocado em prática na ACB, foi a de incentivar que os ensinamentos sociais concernentes à doutrina da Igreja ministradas

²⁰ FAVALE, A. (org.) *Movimenti ecclesiali contemporanei*. Roma: Las, 2ª edizione riveduta e ampliata, 1982. p. 35. (tradução nossa)

²¹ FAVALE, A. (org.) *Movimenti ecclesiali contemporanei*. Roma: Las, 2ª edizione riveduta e ampliata, 1982. p. 36-37.

aos operários fossem, preferencialmente, por colegas da mesma profissão, previamente formados. Este processo de doutrinação começaria com os jovens, adotando o método de Ver, Julgar, Agir, especialmente adaptado à mentalidade concreta do operário. Surgiram em seguida os diversos ramos das moças, de estudantes, de adultos que posteriormente seriam unificados, porém, mantendo os ramos especializados, sob a autoridade e a orientação da hierarquia eclesiástica.

Os primeiros anos da ACB foram marcados por uma ação formativa muito acentuada: uma verdadeira catequese especializada.

Em 1945, com o fim da ditadura Vargas, a Ação Católica Brasileira tornou-se importante instrumento para a participação dos leigos na vida democrática e no exercício pleno da cidadania.

A Ação Católica teve o mérito de levar a doutrina social da Igreja às escolas, às universidades, às fábricas, aos meios de comunicação, aos sindicatos e estimulando a criação de inúmeros outros movimentos sociais de inspiração cristã.

Plínio Corrêa de Oliveira²² fundou a TFP, em 1960, inspirado na Ação Católica dos primeiros tempos em seu livro *Em Defesa da Ação Católica (1942)*²³ faz denúncias contra o movimento que estaria sofrendo influências socialistas. Sua denúncia ajudou a inspirar, na década de quarenta, a elaboração de uma crítica severa dos setores conservadores. O Papa Pio XII, em algumas encíclicas, manifestou sua preocupação com as influências

²² Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995) fundou em 1929 a Juventude Universitária Católica, e aos 24 anos, foi eleito deputado federal pela Liga Eleitoral Católica. Sendo o deputado mais votado da história do país até então, com 24 mil de votos, o dobro do que era necessário para a eleição. Advogado, escritor e professor universitário, natural de São Paulo.

²³ A obra "Em Defesa da Ação Católica" (1943) escrito por Plínio Corrêa de Oliveira, com prefácio de S. E. Rev.ma, o Núncio Apostólico Mons. Benedetto Aloisi Masella. A publicação desta obra, provocou um vendaval nos meios eclesiásticos da época. O Prof Plínio Corrêa de Oliveira foi execrado pelas autoridades da Igreja brasileira, o Padre Sigaud e o Monsenhor Antônio de Castro Mayer ligados a Plínio também foram discretamente punidos com medidas administrativas. Monsenhor Antônio de Castro Mayer foi quem trouxe o 'imprimatur' do Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar da Fonseca e Silva, para a publicação; deixou de ser Vigário Geral da Arquidiocese de São Paulo, e foi deslocado para ocupar o cargo de Vigário Econômico da paróquia do Belém e o Padre Sigaud foi enviado para a Espanha. Não obstante, alguns anos depois, Monsenhor Giovanni Battista Montini, Substituto da Secretaria de Estado da Santa Sé, futuro Papa Paulo VI, enviou em nome do Papa Pio XII, uma mensagem com calorosa felicitação pelas opiniões emitidas por Plínio sobre a infiltração esquerdista na "Ação Católica".

negativas na Ação Católica²⁴. Por outro lado, confirmando as observações críticas dos conservadores, D. Hélder Câmara assumiu o protagonismo do movimento tendendo-o a uma forte inclinação para atividades políticas e sociais. A fundação da própria CNBB esta amparada por um grande apoio e influência da Ação Católica.

4. AÇÃO CATÓLICA E A PASTORAL DA JUVENTUDE

As lideranças da Pastoral da Juventude consideram que esta é a herdeira da Ação Católica que desde 1930 está ligada à história da Igreja e da vida social brasileira. Esta, preocupada com a missão da Igreja e diante dos desafios e das grandes mudanças na realidade mundial (processo de urbanização e industrialização), buscava estimular um espaço de participação dos leigos católicos no apostolado hierárquico da Igreja, para a difusão e a atuação dos princípios católicos na vida pessoal, familiar e social.

5. DIVISÃO HISTÓRICA DA AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA

A Ação Católica no Brasil foi marcada por dois momentos distintos. O primeiro, com a chamada Ação Católica Geral (de 1932 a 1950), e o segundo momento, a Ação Católica Especializada (de 1950 a 1960). A Ação Católica Especializada e os seus grupos JAC (Juventude Agrária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica) e JOC (Juventude Operária Católica) percebemos o início de um novo modelo de pastoral com os jovens. A Pastoral de Juventude herdou muita coisa deste período, como o método Ver-Julgar-Agir; uma prática transformadora a partir da realidade; a descoberta da dimensão política da fé; o protagonismo dos jovens e a presença do Deus Libertador nas lutas do povo.

Mas o surgimento de uma Pastoral Juventude Orgânica e transformadora, como conhecemos hoje, foi sendo gestado na década de 70 por iniciativa da própria CNBB e iluminado por um novo modelo de Igreja Latino-americana que vinha sendo construído através das conclusões e encaminhamentos das

²⁴ Alguns documentos versando indiretamente sobre o tema, como: as Cartas Encíclicas *Mystici Corporis Christi* (29 de Junho 1943) e *Mediator Dei* (20 de Novembro de 1947) e a Constituição Apostólica *Bis Saeculari Die* (27 de setembro de 1948).

Conferências dos Bispos do América-latina ocorridas em Medelin (1968) e Puebla (1979).

No início da década de 1960, a Igreja estava ideologicamente dividida, tendo à esquerda Dom Hélder e à direita Dom Jaime de Barros Câmara e Dom Vicente Scherer. A Ação Católica tinha três organismos para condução de suas atividades: Juventude Estudantil Católica (JEC) – no meio secundarista, Juventude Operária Católica (JOC) – no meio operário, e Juventude Universitária Católica (JUC) – formado por estudantes de nível superior.

A PUC do Rio de Janeiro, orientada pelo Pe. Henrique Vaz era o principal reduto esquerdista da JUC, onde despontava o líder Aldo Arantes. Em Minas Gerais, a Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG reunia os principais agitadores da esquerda católica, como Herbert José de Souza (“Betinho”), José Serra, Vinícius Caldeira Brandt, Henrique Novais e Marcos Arruda.

Em 1961, no XXIV Congresso da UNE, a JUC, aliando-se ao PCB, elege Aldo Arantes para a presidência da entidade. “A AP cresceu com tal velocidade no movimento estudantil que nós, os comunistas, que vínhamos ganhando a presidência da UNE desde 56, a partir de 60 perdemos a AP, com Aldo Arantes, Vinícius Caldeira Brant, José Serra” (Sebastião Nery, in “Os filhos de 64”, *Jornal Popular*, Belém, PA, 6 Out 1995). Logo depois, a UNE filiou-se à União Internacional dos Estudantes (UIE), organização de frente (onagro) do Movimento Comunista Internacional (MCI), culminando na ira dos conservadores da Igreja, que expulsaram Aldo Arantes da JUC.

Os católicos de esquerda, doutrinados para a “revolução brasileira”, abandonaram a Ação Católica e criaram a Ação Popular (AP). Durante o Governo Goulart, a AP empenha-se nas “reformas de base”, situando-se à esquerda do PCB, o que causa a fuga de seguidores para o exterior após a Contra-Revolução de 1964. A AP continua sua atuação no meio universitário e, nas discussões comunistas de 1965 a 1967, passa a seguir a linha maoísta, com a Revolução Cultural chinesa (que matou 10 milhões de pessoas), apoiando a luta revolucionária. Cuba doou 14 mil dólares para a AP enviar militantes para cursos de guerrilha naquele país. A AP enviou militantes para fazer cursos em Pequim, incluindo Haroldo Lima. A AP criou o “Movimento Contra a Ditadura” e pregou o voto nulo para as eleições parlamentares de 15 novembro de 1966. A AP enviou representante a Cuba para a IV Conferência Latino-Americana de Estudantes (1966), teve infiltração no setor metalúrgico (ABC e Contagem, MG). No campo, a AP organizou

camponeses para cortar arame das propriedades (“picada de arame”) e o abate de gado a tiros; as áreas escolhidas para a agitação foram o Vale do Pindaré (MA), a região Água Branca (AL), Zona da Mata (PE) e Zona Cacauera (Sul da Bahia).

Em 1966, a AP optou pela luta armada e pelo foquismo, em Congresso realizado no Uruguai, e passou a publicar o jornal “Revolução”. Em 1968, para evitar outros “rachas”, a AP elaborou o documento “Seis Pontos de Luta Interna”, procurando consenso entre as Correntes 1 e 2. De inspiração maoísta, “o 1º ponto caracterizava o pensamento de Mao como a 3ª etapa da revolução marxista; o 2º ponto descrevia a sociedade brasileira como semicolonial e semifeudal; o 3º definia o caráter da revolução como nacional e democrática; o 4º fazia a opção pela guerra popular como forma de luta; o 5º referia-se aos partidos comunistas, considerando que o PCB se havia ‘contaminado pelo revisionismo’ e que o PC do B era um novo partido e não o continuador do PC fundado em 1922; finalmente o 6º ponto propunha a integração dos militantes à produção (isto é, que deixassem suas profissões e passassem a trabalhar e viver como operários e camponeses), com o objetivo de provocar a transformação ideológica dos que tinham origem pequeno-burguesa” (Del Nero, in “A Grande mentira”, pg. 263).

Após sua I Reunião Ampliada da Direção Nacional, a AP elegeu a China como modelo de revolução, ao mesmo tempo em que se afastou do PC de Cuba, retirando-se da OLAS e propondo que a UNE se afastasse da OCLAE, por considerá-la de “imobilismo e burocratismo”. Em 1969, um militante da AP participou do seqüestro do Embaixador Americano Charles Burke Elbrick, em apoio ao MR-8. Em 1971, à noite, uma militante da AP atraiu Antônio Lourenço (“Fernando”), também da AP, para uma emboscada; “Fernando” recebeu vários tiros de rifle 44 e de revólver e foi trucidado a porretadas até a morte; o “justiçamento” ocorreu em Pindaré-Mirim (MA) e foi planejado pelo Comitê Seccional de Santa Inês, subordinado ao CR-8 (Coordenador das atividades da organização no Maranhão e no Piauí). Em abril de 1971, após a II Reunião Ampliada da Direção Nacional, a AP assumia a denominação de Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil (APML do B).

Posteriormente, foi aprovada a tese de unificação da AP com o PC do B. Maria José Jaime, membro do PT/DF (dirigente do INESC), foi um dos “militantes” que receberam treinamento na China, em 1969, quando pertencia

a AP. José Serra, Presidente da UNE quando se iniciou a Contra-Revolução de 31 de março de 1964 e Ministro da Saúde no Governo FHC, também pertenceu à AP.

6. O LAICATO E A EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO

Uma das maiores contribuições da Ação Católica à sociedade e à Igreja é a militância nos diferentes ambientes da sociedade e da Igreja com o intuito de transformá-los em condições mais justas e democráticas, a partir da novidade da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo.

Os leigos da Ação Católica organizavam-se, primeiramente em movimentos de homens, mulheres, jovens, segundo o modelo italiano. Logo nos anos 60 e segundo o modelo belga e francês da Ação Católica Especializada, os leigos passam a se organizar por grupos de atividades específicas: mundo do trabalho, operários, estudantes, camponeses, entre outros.

Estes são alguns dos movimentos especializados da Ação Católica.

- HAC: Homens da Ação Católica – para os maiores de 30 anos e os casados de qualquer idade;
- LFAC: Liga Feminina da Ação Católica – para as maiores de 30 anos e as casadas de qualquer idade;
- JCB: Juventude Católica Brasileira – para homens de 14 a 30 anos;
- JFC: Juventude Feminina Católica – para moças de 14 a 30 anos²⁵.

Os próximos movimentos citados são relacionados pelos Estatutos da Ação Católica como seções importantíssimas²⁶. São eles:

- JEC: Juventude Estudantil Católica – para a mocidade do curso secundário;
- JOC: Juventude Operária Católica – para a mocidade operária;
- JUC: Juventude Universitária Católica – só para universitários²⁷.

²⁵ Cf. artigo 5 dos Estatutos da Ação Católica de 1935. Apud Romeu DALE. *A Ação Católica brasileira*. p. 9.

²⁶ Cf. artigo 6 dos Estatutos da Ação Católica de 1935. *Ibidem*.

²⁷ *Ibidem*.

Depois teremos outros grupos:

- JAC: Juventude Agrária Católica;
- JIC: Juventude Independente Católica;
- MAC: Movimento de Adolescentes e Crianças;
- ACO: Ação Católica Operária – atualmente MTC: Movimento dos Trabalhadores Cristãos.

7. AÇÃO CATÓLICA E AS CEB'S

Na década dos anos 60, cristãos pertencentes aos movimentos da Ação Católica, especialmente da ACO (Ação católica Operária, atual MTC, Movimento dos Trabalhadores Cristãos), JEC (Juventude Estudantil Católica), JOC (Juventude Operária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), construíram e ajudaram a consolidar juntos com outros grupos as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) procurando a inserção da comunidade nos problemas da vida cotidiana e na luta pela justiça, desde a mensagem do Evangelho.

As primeiras comunidades de base surgiram um pouco antes de 1964. De 1964 a 1968 começam a se desenvolver.

A motivação imediata da proposição das comunidades de base no início da década de 1960 era a insatisfação de um setor importante da Igreja Católica em relação ao tipo de evangelização feito até então. Este era centrado na paróquia, fundamentalmente voltada à distribuição dos Sacramentos.

Outra motivação era a falta de ação pastoral no seio das classes populares. Entre aqueles que queriam transformar a Igreja, o grupo mais importante era constituído de cristãos - leigos, padres, religiosas e bispos - sensíveis à situação dos trabalhadores, à questão social da pobreza. Eles não eram numerosos, mas bastantes ativos e influentes. Basta lembrar o nome de D. Helder Câmara, entre os bispos; e os leigos da Ação Católica, especialmente da JEC (Juventude Estudantil Católica) e da JUC (Juventude Universitária Católica)²⁸.

²⁸ BOFF, Clodovis et al. *A s comunidades de base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997.p. 48.

Grupos da ACO e da JOC, depois do golpe militar, partiram para a prática da “nucleação” nos locais de trabalho e de moradia, com a perspectiva de “reflexão na ação”. Introduziram o trabalho de base ancorado na vida cotidiana das fábricas, influenciando positivamente na politização dos evangelizadores militantes das CEBs²⁹.

8. PASTORAIS SOCIAIS E A AÇÃO CATÓLICA

Movimentos da Ação Católica, especialmente a ACO (atualmente MTC) e a JOC junto de outros movimentos como Movimento Fé e Política, Pastoral Operária, entre outros, contribuíram para a criação e desenvolvimento das chamadas pastorais sociais dentro das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base).

Colocando em prática a militância e o testemunho cristão, muitos integrantes da Ação Católica participavam ao mesmo tempo da própria Ação Católica e dos movimentos sociais, constituindo partidos políticos e sindicatos.

Outros deixaram a Ação Católica e a Igreja e continuaram militando e lutando contra a ditadura e as injustiças sociais. Vejamos um exemplo:

A Ação Popular Marxista Leninista (APML) surgiu da Ação Popular (AP) de orientação católica, e esta formada pela primeira vez em Belo Horizonte (MG) em 1962 a partir de grupos de operários e estudantes ligados a Igreja Católica: a JOC (Juventude Operária Católica) e a JEC (Juventude Estudantil Católica)³⁰.

9. METODOLOGIA DA REVISÃO DE VIDA OPERÁRIA: VER, JULGAR, AGIR

Em 1964 é feito um documento em comemoração aos 30 anos da Ação Católica, se preocupando com um repensar e compreender o processo que havia se seguido desde sua fundação oficial. O título do documento é “Sentido, linha de ação e método dos movimentos especializados”. O documento

²⁹ DOMEZI, Maria Cecília. *Do corpo cintilante ao corpo torturado: Uma Igreja em operação periferia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 138.

tem em sua introdução uma apresentação de D. Cândido Padim, o então Assistente Geral da Ação Católica Brasileira.

Entre outras discussões, este documento vai praticamente generalizar o método da revisão de vida operária (Ver, Julgar e Agir) para todos os outros movimentos e ser praticamente a referência metodológica das Campanhas da Fraternidade (CF) da CNBB até os dias de hoje.

VER a realidade vivida pelo mundo operário e popular, no trabalho, na família, no bairro. Ler os acontecimentos e fatos da vida em todas as suas dimensões: econômica, política, ideológica, social.

JULGAR a realidade com um olhar crítico a partir da Boa Nova de Jesus de Nazaré e de seu projeto de Vida a nós confiado.

AGIR dentro da sociedade, no mundo operário e na Igreja, Agir para responder às exigências da fé em Jesus Cristo.³¹

Podemos, ao olhar a CF ao longo dos seus 42 anos, verificar três grandes fases:

- Busca pela renovação interna da Igreja (1964 até 1973)
 - Renovação da Igreja (1964 e 1965)
 - Renovação do cristão (1966 até 1973)
- A Igreja se preocupando com a realidade social do povo (1974 até 1984)
- A Igreja se volta para situações existenciais do povo brasileiro (1985 até 2005)

Nestas fases cabe ressaltar:

- A Campanha de 1966 repensa a própria CF, fazendo como tema deste ano a própria razão de ser da Campanha.
- O método Ver, Julgar e Agir acompanha a CF desde sua criação, com exceção de 2 Campanhas: a de 2000 e a de

³⁰ HUPERMAM, Esther. *Da cruz à estrela: a trajetória da ação popular marxista-leninista*. Disponível em: <<http://espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 07 maio 2005,16:43: 05.

³¹ MTC. *Movimento de Trabalhadores Cristãos: O agir libertador*. Rio de Janeiro:[s.n.;s.d].p. 2.

2005, as 2 Campanhas ecumênicas que aconteceram. Embora não se utilizou o método nominalmente, porém, no material se encontra um desenvolvimento parecido com o método.

10. SETENTA ANOS DE AÇÃO CATÓLICA: HERANÇAS E DESAFIOS

Pensamos na história como processo e não a partir de blocos temporais. Ao falarmos de Ação Católica percebemos sua fundação e declínio “eclesial”. As aspas são alicerçadas na declaração de D. Luciano Mendes de Almeida:

“Durante certo tempo a Igreja [do Brasil] teve tudo nas mãos para um eficiente trabalho com os jovens [...]. Foi o período áureo da Ação Católica. Precisamos reconhecer a falha da Igreja, culpada também em deixar morrer a Ação Católica, sob a pressão do regime militar” (Em “Primeira Semana Brasileira de Catequese”, col. Estudos da CNBB, n. 55).

Difícil anunciar uma morte da Ação Católica. Na verdade podemos entender uma morte eclesial do formato de 1964. Há resquícios formativos no Brasil nos movimentos sociais e políticos da Igreja e fora dela até os dias de hoje. Mais do que a morte, temos a noção de transformação que aconteceu com a Ação Católica na Europa, sendo ativa ainda com esta denominação em países como a Itália. Quanto à transformação no Brasil caberia um novo trabalho, de maior porte e abrangência, que não é o caso deste texto.

Importante notar que hoje, muitos grupos se dizem herdeiros da Ação Católica.³² Essa herança nos faz perguntar de que fase se está considerando a Ação Católica: a geral ou a especializada? Pensamos em uma continuidade, e não em uma herança que perde a contextualização histórica.

Em uma frase, voltada ao auge da Ação Católica, podemos afirmar que “percebeu-se logo que o trabalho pastoral dos leigos não é uma simples estratégia, mas uma exigência do ser cristão”. Esta exigência passa também por processos que levaram, por exemplo, a juventude a ser ou ideologizada ou alienada... ou ser Igreja. O movimento processual continua!

³² Como é o caso da Pastoral da Juventude e do Conselho Nacional de Leigos (CNL).

CONCLUSÃO

Ao término desta exposição sobre a Ação Católica no Brasil pode-se detectar que de fato, as diversas etapas pelas quais passou este movimento reflete claramente o momento histórico próprio do século XX, qual seja a laicização da sociedade, graves conflitos sociais, civis, éticos, econômicos e culturais que se levantam para questionar inclusive a própria Igreja. Neste sentido a própria estrutura da Ação Católica quis um comprometimento maior dos leigos, independente do sucesso ou fracasso, o certo é que na vida Eclesial o papel dos leigos foi tratado amplamente no século XX. No Brasil a Ação Católica acompanha o drama da Igreja em se adaptar à nova realidade sócio-política implantada com a República. Muitos foram os benefícios trazidos pela emplatação da Ação Católica no Brasil que, independente da tendência adotada posteriormente, teve como mérito incontestável o de fazer florescer diversas lideranças leigas tanto nos meios eclesiais como na vida civil de nosso país que até hoje estão, de alguma forma ligados às grandes ações da vida nacional.

Esta pesquisa pode ser um instrumento muito útil para se repensar muitos aspectos da ação pastoral, carentes ainda de uma justificação e ação mais comprometedoras e coerentes.

Prof. Dr. Pe. Ney de Souza

Doutor em História Eclesiástica e Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

BIBLIOGRAFIA

- AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA. *Declaração de princípios*. Rio de Janeiro [s.n.; s.d.]
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II. De Medellín a Santo Domingo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BIHLMAYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*. Volume 3, São Paulo: Paulinas, 1965.
- BOFF, Clodovis et al. *As comunidades de base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- DALE, Romeu. *A Ação Católica brasileira*. São Paulo: Loyola, 1985.
- DOMEZI, Maria Cecília. *Do corpo cintilante ao corpo torturado: Uma igreja em operação periferia*. São Paulo: Paulus, 1995.

DUSSEL, Enrique D. *Historia de la Iglesia en América Latina: Medio milenio de colonización y liberación(1492-1992)*. Madrid: Mundo Negro; México D.F.: Esquila Misional,1992.

FAVALE, A. (org.) *Movimenti ecclesiali contemporanei*. Roma: Las, 2ª edizione riveduta e ampliata, 1982.

MTC. Movimento de Trabalhadores Cristãos: O agir libertador. Rio de Janeiro:[s. n.; s.d].

OLIVEIRA, Plinio Corrêa de. *Em Defesa da Ação Católica*, 2ª ed. São Paulo: Artt press,1983.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Os encontros intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas,1996.

INTERNET:

JOC.*História da JOC*. Disponível em: <<http://historiadajoc.hpg.ig.com.br/abertura.htm>>. Acesso em:7 maio 2005,17:08:04

HUPERMAM, Esther. *Da cruz à estrela: a trajetória da ação popular marxista-leninista*. Disponível em: <<http://espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 07 maio 2005,16:43: 05.

VALENÇA, João. *Uma história do tempo da ditadura*. Disponível em :<http://tortura.nuncamais.org.br/intnm_pub/pub_artigos/pub_art_index.htm>. Acesso em: 7 maio 2005, 16:46:07.